

COROÇÃO

de José Rubens Siqueira

São Paulo, setembro/novembro 1987

COROÇÃO estreou em São Paulo em 10 de dezembro de 1987
no Centro Cultural São Paulo, com o seguinte elenco:

LUÍS..... Haroldo Botta

BRUNO..... Giuseppe Oristanio

com direção, cenário, figurinos e iluminação do autor,
trilha sonora de Tunica e fotos de João Caldas,
produção do Grupo O Teatro Sensacional da
Cooperativa Paulista de Teatro.

Para meu filho,

João.

1

No centro do palco devassado, sem bastidores nem cortina, um pequeno gramado em torno de um alto rochedo. Bruno está caído, desacordado, um ferimento sangrando na cabeça. Luís entra. Examina o corpo, escuta o coração. Sai. Bruno desperta, toca a cabeça que dói. Vê o sangue na mão, limpa na roupa. Olha em torno, confuso e perdido. Ouve um ruído e torna a deitar, fingindo, imóvel. Luís entra com uma vasilha de água e um pano. Ajoelha-se ao lado de Bruno, molha o pano. Bruno se levanta de repente e domina Luís, montando sobre ele.

BRUNO- Você que me pegou? Fala!
Cadê os outros dois? Covarde. Atacar um homem bêbado.
Tres contra um. Deviam ter me matado de uma vez.
Que lugar é este aqui?
Fala.

LUIS- Uma ilha.

BRUNO- Qual?

LUIS- Não sei.

BRUNO- Fala.

LUIS- Me trouxeram também.

BRUNO- Quem?

Bruno tem uma vertigem e cai. Luís se liberta do corpo dele, torna a molhar o pano e limpa-lhe o ferimento. Bruno, agitado, sussurra sons sem nexos. Luís espera. Bruno desperta sobressaltado, segura a cabeça. Torna a deitar, estuda Luís, imóvel a seu lado.

BRUNO- Quem... quem foi que te pegou?

LUIS- Não sei.

BRUNO- Quanto tempo faz?

LUIS- Tres dias.

BRUNO- Você viu quem me trouxe.

LUIS- Não. Quando acordei você já estava aqui. O navio que te trouxe já ia longe.

BRUNO- Tem mais gente aqui?

LUIS- Não.

Bruno bebe a água, sôfrego. Luís se levanta para sair, Bruno o agarra pelo pé.

BRUNO- Onde é que você vai?

LUIS- Pegar comida.

Bruno solta, Luís sai.

Bruno verifica que a faca ainda está em seu cinto. Examina a bolsa: moedas e um anel que ele olha longamente.

Luís retorna. Ele esconde o anel e agarra a faca.

Luís se senta, coloca no chão a tigela de leite, tira da sacola um pão e um queijo. Pega a faca, Bruno reage. Luís corta o queijo, Bruno se acalma, corta o pão.

Comem e bebem da mesma tigela.

BRUNO- E essa comida?

LUIS- Eles deixaram.

BRUNO- Eles quem?

LUIS- Não sei. Tem pão, vinho, queijo, frutas secas, presunto.
E uma cabra viva. Comida para bastante tempo.

BRUNO- Ou então vão trazer mais gente.

Comem e bebem um tempo.

LUIS- Quem é que quer te matar?

Bruno medita um longo tempo.

BRUNO- Todos os pais, irmãos e maridos de todas as mulheres que eu peguei. Todos os que perderam para mim no jôgo. Todos os que eu dobrei no braço e que viveram para contar.

LUIS (ri)- Muita gente.

BRUNO- Muita. Muita gente.

Tempo.

LUIS- Quem é Eva?

Bruno o agarra pelo pescoço, faca na mão.

BRUNO- Você sabe mais do que está querendo contar. Fala.

LUIS- Foi você que disse esse nome quando desmaiou.

Bruno se acalma.

BRUNO- Eva é uma mulher.

LUIS (ri)- Ah...

BRUNO (ri)- Não, não... Eu pensei que era menina, pura. Mas já era mulher. O pai dela pegou a gente na cama. Mandou me perseguir. Tres homens.

LUIS- E te pegaram.

BRUNO- (tempo) Não. Eles não iam me prender. Se me pegassem era para matar. Eu furei um, isso eu sei. Mas o outro me acertou. Acordei aqui.

LUIS- Com a arma e a bolsa.

BRUNO- É. Ladrão não foi.

E você?

LUIS- Eu? Dormi na minha cama e acordei aqui.

Bruno olha Luís um tempo. Levanta-se e examina a ilha. Desaparece atrás do rochedo. Luís pega a bolsa do chão e abre. Antes, porém, que possa ver o que contém, Bruno volta depressa e salta sobre ele. Domina-o com facilidade, mas Luís pega a faca e encosta no pescoço de Bruno. Bruno recua, Luís sobre ele.

Subitamente, Luís finca a faca com violência no chão e se afasta. Ficam os dois sentados lado a lado, calados, se estudando sem se olhar.

Tempo.

BRUNO- Pra que lado fica a terra?

LUIS- Pro leste, eu acho.

BRUNO- Longe, será?

LUIS- Os galhos que a corrente traz chegam aqui com as folhas verdes ainda. Vêm de lá e a corrente leva por ali. Para o poente.

A maré baixa depois do meio dia. Os pássaros vêm acompanhando os cardumes e chegam aqui de tarde. Depois voltam para o leste, a tempo de chegar em terra firme antes do anoitecer. Eu acho. A madeira bóia mais devagar, deve levar a tarde inteira e a noite para chegar aqui de manhã.

BRUNO- Um dia e meio...

LUIS- Boiando na corrente. Com vento, bem menos, talvez.

Luís estuda Bruno que estuda o horizonte.

LUIS- A nado é impossível.

Consegui pegar um tronco grande que veio boiando ontem. Os outros passaram muito longe.

BRUNO- Uma jangada...

LUIS- Depende da madeira que o mar trouxer. E da direção da corrente. Tenho quase certeza que a corrente vem da terra para o alto mar. Mas deve mudar quando mudar a lua.

Os pássaros começam a cantar em grande número.

Os dois assistem a revoada.

O canto dos pássaros vai diminuindo.

Anoitece. Surgem as estrelas. Eles olham.

LUIS- As estrelas estão bem visíveis por causa da lua nova. Mas o céu aqui é muito diferente do céu que eu conheço. Ainda não consegui identificar as constelações. Só algumas estrelas.

BRUNO- Aquela?

LUIS- É Vênus.

Regente do meu signo. Libra, a Balança. A Vênus diurna.
A Vênus noturna é Taurus.

BRUNO- Eu nasci em Taurus.

LUIS- Temos o mesmo regente.

Olham-se um longo tempo de suspeita. Bruno se abranda.

BRUNO- Você é sabido; parece um noviço fugido do convento, que aprendeu tudo nos livros.

LUIS (ri)- Não sou.

BRUNO- Não?

LUIS- Não.

BRUNO- Quem é você?

LUIS- E você? Quem é?

BRUNO (tempo)- É o que eu me pergunto todo dia antes de levantar.

Riem. Bruno se acomoda, olhando as estrelas. Tempo.

BRUNO- Quem sou eu.

Eu achei que sabia. Mas era bobagem de criança. Eu era o que queriam que eu fosse, o que tinham feito de mim. Eu não era aquele e ainda não sou nenhum. Não sei pra que que eu existo, pra que serve esta vida.

Os doutores da Igreja não sabem, os bandidos que bebem comigo, as putas também não sabem.

Os reis fazem guerras, matam, morrem, os homens plantam, comem, dormem, cagam, fazem filhos, rezam a Deus. Todo mundo sempre desejando alguma coisa: riqueza, poder, saúde, a mulher do próximo, a coroa do reino vizinho.

Para que?

Ninguém sabe. Ninguém pergunta, ninguém responde.

Mesmo assim eu não consigo parar de perguntar:

quem sou eu? Quem sou eu?

Tempo.

Brilham as estrelas.

Bruno começa a rressonar baixinho. Luís se acomoda também.

Música.

Lento black-out.

A lua crescente brilha no céu.

2

Amanhece lentamente.

Luís entra vestindo apenas a roupa de baixo, trazendo dois grandes róis de cordas de palha, maços de palha e duas varas grandes.

Bruno entra em seguida, nu, enxugando-se na camisa.

LUIS- Foi arriscado pegar esse último.

BRUNO- Valeu a pena. É maior que todos os que você pegou.

LUIS- Foi arriscado.

BRUNO- Está preocupado comigo?

LUIS- Sem você, fica mais difícil fazer a jangada sozinho.

BRUNO- Eu não morro.

Luís examina o corpo de Bruno que veste a roupa de baixo.

LUIS- Você é mais forte, mais valente que eu, deita com todas as mulheres que encontra, enfrenta qualquer briga. Mas desafiar o mar é burrice.

Eu não te conheço, nem você sabe quem eu sou, mas alguém quis juntar nós dois aqui. Não foi escolha sua, nem minha, mas nós dois estamos na mesma situação. Tudo que eu quero é escapar desta maldita ilha, mas para isso nós dependemos da lealdade um do outro. Qualquer coisa que coloque em perigo a sua vida, coloca a minha vida em perigo também. É traição.

Bruno ataca Luís, mas ele reage.

Os dois se atacam, mas se dão conta que a luta não funciona.

Limitam-se a alguns empurrões mal-humorados.

Luís se senta, desfia a palha e trança as fibras numa corda fina.

Bruno se senta a seu lado e imita o que ele faz.

BRUNO- Falta pouco.

LUIS- Mais dois troncos, pelo menos. A corda e a vela.

É. Bem pouco.

BRUNO- Os troncos a gente pega amanhã.

LUIS- Se o mar trouxer.

BRUNO- Vai trazer, sim. Traz todo dia.

LUIS- Nem todo dia.

BRUNO- Você não acredita que a gente vai conseguir.

Tempo.

BRUNO- Se não acredita, por que continua fazendo?

LUIS- É dever do prisioneiro tentar escapar.

BRUNO- Você não acredita.

LUIS- Meia dúzia de troncos amarrados com corda, uma vela de fibra, navegando contra a corrente. Você acredita?

BRUNO- A terra firme não está longe. Você disse.

LUIS- Eu não tenho certeza.

BRUNO- Vale a pena arriscar.

LUIS- Por isso que eu estou continuando.

Bruno se entedia com o trabalho, levanta-se. Massageia o ombro dolorido, pega uma vara longa. Olha Luís.

BRUNO- Para um noviço fugido do convento até que você luta bem.

Luís ri, relutante.

LUIS- Não sou noviço. E não sei lutar.

Bruno deixa cair uma das varas que quase atinge Luís. Ele se levanta sobressaltado.

BRUNO- Vem. Eu te ensino.

Luís estuda Bruno. Pega a vara, colocam-se em guarda.

Estudam-se e lutam com as varas, violentos, mas divertidos, rindo e se temendo. Um jôgo.

A música cresce até tombarem os dois exaustos, um deitado sobre o outro, rindo muito.

BRUNO- Bom aluno...

Riem.

LUIS- Bom mestre....

Riem.

LUIS- Quem foi que te ensinou?

BRUNO- Ninguém. Eu aprendi.

LUIS- Alguém ensinou...

BRUNO- Não adianta me ensinar. Eu que tenho de aprender.

Riem.

Silêncio.

BRUNO- Foi meu pai.

Ele me pôs em cima de um cavalo. Me deu minha primeira espada. De pau. Ele era grande, forte, belo. Ninguém vencia dele nem na espada, nem na lança, no machado, na clava.

Ele me ensinou a lutar para ser melhor que ele.

Tempo.

LUIS- Meu pai também é um guerreiro como o seu.

Mas não vivi com ele.

Era calado, com cheiro de fera. E de sangue.

Minha mãe...

Foi ela quem me ensinou a escrever com a pena, a ler o latim, o grego e o vulgar.

Música.

Black-out.

Estala um trovão. Os raios da tempestade iluminam a ilha.

3

À luz intermitente dos relâmpagos, Luís arrasta o corpo de Bruno desacordado. Agitado, tenta reanimá-lo: aperta seu ventre, respira dentro de sua boca.

A tempestade se abranda.

Lentamente amanhece, cinzento.

Luís vigia o corpo de Bruno que se reanima lentamente.

BRUNO- (ri) Dessa vez foi por pouco.

Obrigado.

LUIS- Eu não te salvei. Foi o mar que te jogou na praia.

BRUNO- Eu não te disse que eu não morro?

Luís olha para ele um tempo, a raiva crescendo.

LUIS- Eu não entendo o que nós dois podemos ter em comum para alguém querer juntar a gente aqui.

Você é o oposto de tudo o que eu acredito.

Me disseram que existia um código de honra mesmo entre ladrões, mas você é bem pior que um bandido.

BRUNO- Espera aí! Você está achando que eu quis fugir com a jangada sozinho?

Luís se levanta, Bruno o agarra. Enfrentam-se. Bruno furioso.

BRUNO- Seu noviço cretino! Eu posso não ser tão sábio quanto você, mas eu não ia sair pro mar com uma tempestade chegando. Eu pulei na água para salvar a jangada, entendeu? Pra pegar de volta porque o mar tinha levado. Enquanto você continuava dormindo, eu estava nadando no meio de ondas dez vezes maiores do que eu para salvar o trabalho que nós dois fizemos juntos.

E bandido é a puta que o pariu!

Você pensa que é algum príncipe para falar comigo desse jeito?

LUIS- Sou.

BRUNO- O que?

LUIS- Príncipe.

BRUNO- Grande merda. Eu também sou.

Os dois se imobilizam. Olham-se, entendendo aos poucos.

LUIS- Bruno?

BRUNO- Luís.

Os dois se abraçam.

Música.

BRUNO- O pai me disse: quando eu morrer você vai ficar no meu lugar. E me levou para beijar a mãe. Eu vi o lugar dele na cama, ao lado dela. Pela abertura da camisa, vi o peito dela. E pus na boca o bico cor-de-rosa. Os dois riram. Ela me afastou. Eu fui embora para o campo de armas. Com o pai. Eu tinha sete anos, você estava para nascer. Depois, nas poucas vezes que a gente voltava, ela entregava você para uma aia, para poder ficar com o pai. Eu seguia atrás dela pelos corredores, sentindo o rastro de perfume que ela deixava. Fugia da cama, para assistir o jantar do alto da escada. Se tinha mais gente, ela só olhava para ele, só. Não comia, não bebia. O pai falava com os cavaleiros, comia e de vez em quando, ria para ela um riso que só ela via. Quando estavam só os dois, ela mandava embora os criados, sentava no colo dele, bebia o vinho da taça e vertia o vinho da boca, dentro da boca dele. E o vinho ficava mais doce. No campo de armas, eu podia dormir com todas as mulheres que ele dormia, podia vencer todos que ele vencía. Aí, veio a guerra. Eu tinha dezessete anos e ele me fez cavaleiro, me deu minhas armas.

Eu disse: - Pai, é a tua espada que eu quero. Teu lugar, teu trono, tua coroa.

Ele aceitou o desafio. Eu enfrentei meu pai.

E perdi. Quando ele me venceu a morte pareceu abençoada porque minha mãe chorava. Chorava por mim. Mas o pai não me deu essa bênção. Ele poupou a minha vida.

Para esconder minha vergonha, me escondi debaixo de outro nome. E saí pelo mundo.

A cada dia, nos últimos dez anos, eu tenho de matar de novo o rei que eu seria.

LUIS- Depois que você foi embora, o pai partiu para a guerra. Nas raras vezes que voltava era para curar uma ferida ou recrutar mais camponeses para o exército. Quando ele chegava me tiravam da cama da mãe e aquele estranho tomava o meu lugar do lado dela.

Uma noite, ouvi ela chorando e espiei pela cortina. O pai estava nu, em cima dela.

Os cães cruzando no pátio eram mais gentis.

Esse amor tão belo que você viu entre os dois já não existia mais.

Não era amor o que ele fazia com ela. Era guerra. Debaixo dele a mãe parecia humilhada, dominada, vencida. Rezei para que o pai morresse, penetrado ele por uma espada. Rezei para não ser como ele.

Mas ele não morria. A guerra que era antes contra os infiéis, virou para ele uma paixão de poder, de riqueza.

A mãe, ao contrário, vivia cada vez mais longe das coisas deste mundo.

Ela me disse: - O corpo, filho, é a prisão da alma. E foi trazendo para dentro das nossas muralhas todos os sábios e doutores da Igreja que fugiam da guerra. Os meus amigos de criança o pai levou para a guerra. Fiquei só; com a mãe, com os livros. Podia ter os mestres que quisesse.

Durante muitos anos, os negócios do reino ficaram entregues

ao Conselho. Mas no inverno passado o pai voltou para casa. Mandou me chamar, ficou me olhando muito tempo.

E disse: - Será bom para a pátria ter um rei sábio depois de um guerreiro.

Por trás do grande cansaço, eu vi nos olhos dele que ele via em mim um sucessor e não um herdeiro.

Então eu disse o seu nome.

Ele baixou os olhos e, se ainda soubesse, acho que chorava.

Depois trancou-se longamente com a mãe e os homens do Conselho.

No dia seguinte voltou para a guerra.

Um longo abraço.

BRUNO- Luís...

A jangada...

Eu ia mesmo fugir com ela enquanto você dormia.

Mas veio a tempestade e eu fiz tudo o que pude para salvar o barco.

Não foi por você, foi por mim.

Eu ainda não sabia que você era meu irmão.

Meu irmão.

Luís.

Tempo.

BRUNO- A gente pode fazer outra. E ir embora juntos dessa vez.

LUIS- Não.

Alguém me tirou do meu reino e foi te buscar onde você estava para juntar nós dois aqui.

Tem de haver um sentido nisso tudo.

Eu quero saber porque estou aqui.

Anoitece. Brilham as estrelas.

Os dois olham o céu, dois meninos solitários.

BRUNO- Você acha que o pai morreu?
 LUIS- Pode ser.
 BRUNO- E alguém quer pegar o trono e largou a gente aqui.
 LUIS- Não. Se fosse isso não teriam deixado comida e bebida.
 Era mais fácil matar você e eu.
 BRUNO- Mas ninguém sabia que eu era eu. Se estava vivo ou morto.
 LUIS- De vez em quando chegava uma notícia no reino: algum
 viajante que achava que tinha visto você.
 Na boca do povo, as histórias iam crescendo.
 Você virou uma lenda. Um herói invencível, O Príncipe Errante

Riem.

Nas feiras, os trovadores cantam cantigas das tuas aventuras.

"Meu senhor des que partistes,
 nam vyuo, nã vyuem quaa,
 nem creio que vyueis laa.
 Vós que prazer encontrades
 vyuendo en terra estraneyra?
 Nós com a vossa saudade
 temos vyda sem prazer,
 assy andamos muy tristes:
 nós, por nã vos vermos quaa
 e vós por andardes laa.
 Manday-nos, senhor, dizer
 se esta vossa partyda
 com nos vyrdes çedo ver
 ha de ser rrestetuyda,
 se nam, todos quantos vystes
 tristes por hyrdes de quaa
 nos vereis muy çedo laa."

BRUNO- Têm saudades de mim?...
 LUIS- Sentem saudades de um rei.

BRUNO- Eles têm você.

LUIS- Pra que serve um homem dos livros durante um tempo de guerra?

Longo tempo de estranheza entre os dois.

LUIS- Por que você desafiou o pai?

BRUNO- Tolice de criança.

Não. Não era,

Era... uma questão de vida ou morte.

O pai era e tinha tudo o que eu mais queria.

que ele me ensinou a querer.

Enquanto ele estivesse vivo, eu não podia viver.

LUIS- Você queria ser rei.

BRUNO- Não. Eu queria ser ele.

Se ele fosse mendigo, eu ia querer ser mendigo.

Se fosse um bandido, eu ia ser bandido.

Mas eu perdi.

Não consegui ser ele. E não consigo ser eu.

"Comigo me desauym,
 vejo-m' em grande peryguo:
 nam posso vyuer comyguo,
 nem posso fogir de mym.
 Antes qu'este mal teuisse,
 da outra gente fugya,
 aguora ja fugyrya
 de mym, se de mym podesse;
 que cabo espero ou que fym
 d'este cuydado que syguo,
 pois traguo a mym comyguo
 tamanho jmiguo de mym?"

Música.

Black-out.

4

Sol de meio dia.

Luís concentrado e alerta, os braços abertos ao vento.

Bruno entra, sacode a água dos cabelos em cima de Luís.

Senta-se a seu lado, ofegante.

BRUNO- A corrente é forte demais. Circunda a ilha inteira.
A jangada não ia adiantar nada. A gente ia acabar perdido
em alto mar. Sem rumo. Nós estamos prêsos, meu irmão.

LUIS- Eu sei.

BRUNO- Eu também sei. Eu quero é fazer alguma coisa.

LUIS- Eu estava pensando.

BRUNO- Você pensa demais.

Bruno pega pedrinhas e brinca com elas, jogando para o ar e tornando a pegar, inquieto.

LUIS- Eu nunca deitei no chão assim. Nunca senti esse isolamento.
Eu, sozinho, no meio dos elementos puros. Só eu e a terra,
a água, o ar e o fogo do sol.

BRUNO- Sozinho não. Eu também estou aqui.

LUIS- Tão sozinho quanto eu.

BRUNO- Não. Eu não me sinto mais sozinho. Agora, sou eu você,
meu irmão. Eu era um, agora sou dois.

LUIS- Dois são os atos da vida: o conhecimento e a afeição, a
cabeça e o coração. Dois os objetivos desses atos: a
verdade e o bem.

Foi Pitágoras que disse isso.

BRUNO- Ah...

LUIS- Dois os princípios essenciais das coisas: a matéria e a
forma. Dois os primeiros contrários: o quente e o frio.
Duas as divisões do espaço: finito e infinito, reto e cruvo.
direito e esquerdo. Dois os tipos de números: par e ímpar,
um masculino, outro feminino.

Dois os primeiros pais das coisas naturais: o sol e a terra.

BRUNO- Eu te invejo, meu irmão, de ter estudado.

LUIS- Não. (ri) Não são os livros empoeirados, que as baratas e os

ratos roem, nem as bibliotecas trancadas que ensinam. Os elementos é que são os livros. O livro da natureza ensina mais que a letra morta dos livros. É só olhar as plantas, os bichos...

Ele pega no ar uma das pedrinhas que Bruno joga.

LUIS- Olhe esta pedra. Uma só já mostratudo. É o bastante para ensinar a criação inteira. Do pequeno se deduz o grande e do grande se entende o pequeno. Tudo é inteiro e criado pelos elementos. O fogo, a terra, o ar e a água são as mães, as matrizes que geram tudo. Os dois elementos mais baixos, a água e a terra, fazem o barro, o corpo do homem. Os dois elementos superiores, o ar e o fogo, o alento e o espírito.

Bruno se levanta, atento e se exercita com a vara, contra um adversário imaginário.

BRUNO- Fala mais. Me ensina.

LUIS (ri)- Você não cansa nunca?

BRUNO- Estou cuidando, filho, da prisão da alma.

Rien.

BRUNO- Sabe, eu não acredito que o corpo é a prisão da alma.

LUIS- Nada é prisão de nada.

BRUNO- Eu entendi. É disso que você está falando, não é?

Eu acho que a gente não tem um corpo. A gente é um corpo. A gente diz minha mão, meu pé, meu sexo, meu corpo, minha alma. Minha de quem? Quem é que tem essas coisas todas? Está certo? Eu não tenho nada. Eu sou. Sou o meu corpo. Sou a minha alma. Sou os dois juntos. Sou eu.

Tempo.

Eu não sei quem eu sou, mas sei que sou.

Riem.

LUIS- É um homem e é o Universo. No homem está contido o jovem céu, porque o homem foi feito do céu e da terra e parece com os pais do mesmo jeito que um menino parece com o pai e a mãe. Tudo o que está nos pais está nos filhos. E tudo o que está nos filhos está nos pais. O Universo está no homem e o homem está no Universo. Ao contrário do que se acredita no nosso tempo, o Homem não é a medida de todas as coisas, não é o dono do mundo, nem o mundo dono do homem. Ninguém tem nada. Tudo é. É. E tudo o que é nunca deixa de ser. Nada morre no mundo, mas as coisas passam e mudam.

Os dois se olham, exaltados. Se abraçam.

Música.

Anoitece.

Os dois se deitam para dormir, muito próximos. Olhando as estrelas.

BRUNO- Eu queria saber tudo o que você sabe.

LUIS- Não adianta saber. É preciso conhecer. E você conhece mais o mundo do que eu, meu irmão.

A lua cheia brilha no céu.

5

Amanhece.

Bruno e Luis entram com peixes que acabaram de apanhar.

Limpam os peixes enquanto falam.

LUIS- Você não pensa no perigo? Nunca tem medo?

BRUNO- O maior perigo é o medo.

Eu tive medo quando fui embora.

Queria ficar longe de tudo que eu conhecia. Queria esquecer.

Ser outro. Eu tinha um segredo, tinha de viver no meio dos que também tinham segredo. Os renegados, como eu. Eles não fazem perguntas. Quanto menos têm, mais tolerantes são.

Aprendi a viver com eles. Dormir na palha, comer o que encontrasse, ter muito num dia, nada no outro. Sem me ligar a ninguém... Eu aprendi a querer pouco e tive tudo o que quis.

Amigos, inimigos, mulheres...

Tempo.

Foi o pai que me deu minha primeira mulher.

Ele escolher para mim. Foi tirando a roupa dela, me mostrando os peitos, a barriga, as coxas. Eu tive medo.

Ele riu. Deitou com ela e me mostrou como era.

Depois me fez deitar também. Guiou meu membro para dentro dela e eu gozei onde ele tinha gozado.

Ela gemeu comigo mais do que com ele.

Eu vi então que eu já era um homem.

Tempo.

E você?

LUIS- Eu o que?

BRUNO- Você nunca... nunca?

LUIS (ri)- Não. Eu nunca amei uma mulher.

BRUNO- Você é um noviço.

Luís atira nele uma entranha de peixe, os dois lutam, rindo.

BRUNO- Eu não sei como são as mulheres do castelo agora, mas quando a gente sair daqui eu te arranjo uma mulher. Das minhas. Quer?

LUIS- Não.

BRUNO- Você já tentou?

LUIS- Já.

BRUNO- Então? Não foi bom?

LUIS- Não foi nada. Quando eu tinha dezesseis anos, o pai me mandou um mestre de armas quase da minha idade. Ele me ensinou a lutar um pouco e um dia arranjou duas mulheres para nós. Igual o pai fez com você. Nós deitamos lado a lado. Eu estava dentro dela, abraçando aquele corpo redondo e macio, mas era o corpo dele que eu desejava.

BRUNO- Como você pode gostar de um corpo igual ao seu?

LUIS- Exatamente por isso. Por que é igual o meu. É conhecido.

BRUNO- E você já... já...

LUIS- Já. Algumas vezes.

BRUNO- Você... não gosta de mulher.

LUIS- Eu gosto. Gosto mais das mulheres que dos homens. E elas gostam de mim também.

BRUNO- Então?

LUIS- O corpo, Bruno, o corpo é macho e fêmea. A alma... o ser, não é homem, nem mulher. E para o ser o corpo importa pouco.

BRUNO- Você tem medo?

Eu tive medo a primeira vez.

LUIS- Não é medo. É... como se eu não tivesse corpo. O contato com um corpo igual ao meu é como se eu não tivesse corpo. E eu acho que meu corpo não é suficiente para satisfazer uma mulher.

BRUNO- Quando elas querem é sempre suficiente.

LUIS- Eu sei. Mas sinto que os outros homens que ela teve podem ter sido melhores do que eu.

BRUNO- Eu te arranjo uma virgem.

Riem.

BRUNO- Não tem que pensar em nada disso. Você pensa demais. Se uma mulher quer você, todos os outros homens que ela teve não interessam. Podem ter sido melhores, mas é você que ela quer. O teu cheiro, a tua pele, o teu toque. O teu tamanho. É só com você que ela vai se satisfazer. O desejo é pessoal.

LUIS- Então eu sou muito orgulhoso. Para ter uma mulher eu quero ser o melhor, o mais forte, o maior.

BRUNO- Qualquer mulher te faz sentir assim. Se tem amor.

LUIS- Amor? Você amou todas as mulheres que possuiu?

BRUNO- Amei. Todas. Todas. Quando estou com uma mulher é só ela que existe. Cada uma é uma e eu posso amar todas.

LUIS- O que é o mesmo que não amar nenhuma.

BRUNO- Mas tem muitas maneiras de amar...

LUIS- Então. Eu já escolhi a minha.

BRUNO- Mas...

LUIS- Bruno, eu não sinto culpa, nem tormento por ser como sou. Na verdade, o sexo me interessa pouco. Me basta o prazer brando e tranquilo que me dá um corpo igual ao meu de vez em quando.

Nós somos opostos, meu irmão, e os opostos são complementares.

Anoitece.

BRUNO- Eu sou de Taurus, a Vênus noturna, o elemento terra: o pó, o lodo que fez o corpo do homem. Você Libra, a Vênus diurna, o elemento ar, o sôpro, a alma.

Está certo.

LUIS- Olha. Está vendo aquelas duas estrelas?

É a constelação de Gemini: Castor e Pollux, os Dioscouri,

filhos de Zeus e de Leda. Quando Castor morreu, Pollux pediu a Zeus para morrer também. Zeus teve pena e permitiu que Pollux repartisse a sua vida com Castor. Os dois nunca mais se separaram. Um dia passavam no inferno, o outro dia no céu.

As estrelas brilham.

Os dois se acomodam para dormir.

A luz minguante brilha no céu.

Luís torna a segurá-lo.

LUIS- Não. Você não vai conseguir.

BRUNO- Me larga. Eu vou.

LUIS- O vento está muito forte. Olha. Olha. Você acha que consegue nadar mais rápido que eles?

Bruno e Luís olham um tempo. Bruno se irrita, senta-se, esmurra o chão.

BRUNO- Merda! Se eu tivesse acordado antes... Merda. Merda. Merda.

LUIS- Não ia adiantar nada. Eles estão observando a gente. Se você tivesse pulado na água, eles iam embora do mesmo jeito.

BRUNO- Como é que você pode saber?

LUIS- Eu acho.

Inconformado, Bruno se levanta e olha o navio, andando, inquieto, de um lado para outro. Luís olha também, imóvel, pensando. Bruno se irrita, cai de quatro e bate no chão, gritando e rugindo, furioso.

BRUNO- Filhos da puta! Desgraçados! Voltem aqui, seus bostas, voltem!

Luís olha o irmão, cala, afasta-se, dá uma última olhada, pensativo, desaparece atrás do rochedo. Bruno fica de quatro no chão, furioso, olhando o navio que vai embora. De repente, Luís grita em alarme, fora de cena.

LUIS- Bruno! Bruno!

Bruno corre ao encontro de Luís que vem chegando com um barril pesado, atado de bóias. Abrem rapidamente, retirando o que há dentro: pacotes com pão, ovos, um presunto, aveia.

BRUNO- Comida!?

- LUIS- Bom. Eu não aguentava mais comer peixe.
- BRUNO- Mas... como é que eles sabiam que a comida da gente tinha acabado?
- LUIS- Sabem também a direção da corrente. O barril veio dar direto na praia.
- BRUNO- Quer dizer: eles querem a gente aqui. Prêsos.
- LUIS- E vivos. Sem chance de escapar. Eles sabem tudo.
- BRUNO- Eles quem? Eles quem? Merda!

Levanta-se, torna a olhar o mar, furioso.
Luís encontra no barril um livro grande.

- LUIS- Bruno...
- BRUNO- Que é isso?
- LUIS- A Bíblia. Com uma página marcada.

Luís abre o livro e lê.

- LUIS- "Isaque orou ao Senhor por sua mulher, porque era estéril. E Rebeca, sua mulher, concebeu. Cumpridos os dias para que desse à luz, eis que se achavam gêmeos no seu ventre. Saiu o primeiro, ruivo, todo coberto de pelo e por isso lhe chamaram Esaú. Depois nasceu o irmão. Segurava com a mão o calcanhar de Esaú. Por isso lhe chamaram Jacó.

Bruno dá para o irmão o pão que comia e pega o livro, lê.

- BRUNO- Cresceram os meninos. Esaú saiu perito caçador, homem do campo. Jacó, porém, homem pacato, habitava em tendas. Isaque amava Esaú. Rebeca, porém, amava Jacó. Tinha Jacó feito um cozinheiro quando veio do campo Esaú. E lhe disse: Deixa-me comer um pouco desse cozinheiro porque estou esmorecido. Disse Jacó: Vende-me primeiro o teu direito de primogenitura. Jura-me. Esaú jurou e vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó. Jacó deu o cozinheiro de lentilhas a

Esaú. Ele comeu e bebeu, levantou-se e saiu. Assim desprezou Esaú o seu direito de primogenitura."

Os dois se olham, compreendendo.

Tempo.

BRUNO- Eles sabem.

LUIS- E querem que a gente saiba que eles sabem.

BRUNO- Que é que a gente vai fazer?

LUIS- Esperar, eu acho.

Olham na direção por onde foi embora o navio.

LUIS- Nossa vida está nas mãos deles.

BRUNO- Pra que? Que que eles querem de nós? Quem são eles?

LUIS- Os homens do Conselho.

BRUNO- Você acha?

LUIS- E vão voltar. Todos os dias. Para observar a gente.

BRUNO- Por que?

LUIS- Acho que entendi. A resposta está aqui.

Entrega a Bruno a Bíblia aberta. Bruno lê. Luís a seu lado, acompanha.

BRUNO- "Isaque chamou Esaú, seu filho mais velho e disse: Meu filho, estou velho e não sei o dia da minha morte. Toma as tuas armas e apanha para mim alguma caça, para que eu coma e te abençoe antes que eu morra. Rebeca esteve escutando enquanto Isaque falava com Esaú. E disse a Jacó, seu filho mais novo: Traze-me dois cabritos para que eu faça uma comida para teu pai e ele te abençoe em lugar de teu irmão. Disse Jacó a Rebeca:

LUIS- Esaú, meu irmão, é homem cabeludo e eu homem liso. Se meu pai me tocar, passarei a seus olhos por zombador e assim trarei sobre mim maldição e não bênção. Respondeu-lhe a mãe: Caia sobre mim essa maldição, meu filho. Atende ao que

eu te digo. Jacó obedeceu. Depois, tomou Rebeca a melhor roupa de Esaú, seu filho mais velho e vestiu em Jacó, seu filho mais novo. Com a pele dos cabritos cobriu-lhe as mãos. Jacó foi a seu pai e disse: Meu pai, sou Esaú, teu primogênito, Fiz o que ordenaste.

BRUNO- E disse Isaque: Chega-te aqui para que eu te toque e veja se é mesmo meu filho Esaú. Jacó chegou-se, o pai o tocou e disse: A voz é de Jacó, porém as mãos são de Esaú. És meu filho Esaú mesmo?

LUIS- Sou.

Então Isaque comeu e bebeu e disse: Chega-te e dá-me um beijo, meu filho. Jacó se chegou e o beijou. O pai aspirou o cheiro da roupa dele e disse: Eis que o cheiro do meu filho é como o cheiro do campo que o Senhor abençoou. Deus te dê do orvalho do céu e da exuberância da terra e fartura de trigo e de mosto. Maldito seja o que te amaldiçoar e abençoado o que te abençoar.

Mal tinha Jacó saído e chega Esaú da caçada e disse:

BRUNO- Meu pai, come da caça do teu filho para que me abençoes.

LUIS- Perguntou-lhe Isaque: Quem és tu?

BRUNO- Sou Esaú, teu filho primogênito.

LUIS- Então estremeceu Isaque de violenta comoção e disse: Quem é pois aquele que apanhou a caça e me trouxe? Eu comi e o abençoei antes que viesses.

BRUNO- Abençoa-me também a mim, meu pai. Já duas vezes Jacó me enganou. Primeiro tirou-me o direito de primogenitura e agora usurpa a bênção que era mim. Não reservaste nenhuma bênção para mim, pai?

LUIS- Respondeu Isaque: Eu fiz dele o teu senhor. Que me será dado, fazer-te agora, meu filho?

BRUNO- Acaso não tens uma única bênção, meu pai? Abençoa-me também a mim, meu pai. E levantando a voz, Esaú chorou.

LUIS- Então lhe respondeu Isaque: Longe dos lugares férteis da terra será tua habitação e sem o orvalho que cai do alto. Viverás da tua espada e servirás a teu irmão. Quando porém te libertares, sacudirás o jugo da tua cerviz. Passou Esaú

a odiar Jacó e disse consigo:

BRUNO- Vêm próximos os dias de luto por meu pai. Então, matarei a Jacó, meu irmão.

Bruno atira longe o livro.

BRUNO- Não. Não posso lutar com você. Não. Não.
Pela primeira vez na minha vida eu... tenho alguém.
Você... é meu irmão. Você... me ensinou. A amar.
Não posso lutar com você.

LUIS- Não se preocupe. Você vai vencer...

BRUNO- Eu não quero vencer, merda!

LUIS- ... ou morrer.

BRUNO- Não quero morrer também.

Tempo.

BRUNO- Deve ser doce morrer pela mão do irmão.

Tempo.

BRUNO- Luís. Nós não podemos lutar.

LUIS- Temos.

BRUNO- Por que? Você quer?

LUIS- Eles querem.

Os dois olham para o mar.

BRUNO- A caravela continua lá.

Tempo.

BRUNO- Eles não podem governar a minha vida. Nem a tua.

LUIS- O Conselho está em dúvida. Não quer eleger. Vão se manter à distância sem interferir.

BRUNO- Isso está complicado demais: ilha, Bíblia...

Por que não discutem direto com nós dois?

LUIS- Você ainda não entendeu. Nós é que vamos decidir. Eles... acreditam na ambição do poder. E vão ficar esperando até um de nós eliminar o outro. Como feras. *

Olham-se.

BRUNO- Eu não quero ser rei.

LUIS- Você tem de ser rei.

BRUNO- Você tem. Eu sou Esaú, renunciei à coroa. Você é o herdeiro em meu lugar.

LUIS- O pai nunca me anunciou oficialmente como herdeiro. Se você tivesse morrido, eu seria o herdeiro natural. Mas você está vivo.

BRUNO- O pai morreu.

LUIS- E um de nós tem de tomar o lugar dele.

BRUNO- O pai me deserdou.

LUIS- Não oficialmente.

BRUNO- Então, eu sou o herdeiro.

LUIS- Nós dois herdamos.

BRUNO- Você... quer?

LUIS- O povo não ia me aceitar como rei, sabendo que você está vivo. O Príncipe Errante.

BRUNO- Você pode conquistar o povo.

LUIS- Se Maquiavel está certo, o que se ganha de graça, perde-se com facilidade. O que se conquista com esforço se mantém com facilidade.

BRUNO- Você quer a coroa.

LUIS- Com amor e temor se mantém a coroa. O rei sábio ama os homens como querem ser amados e é ao mesmo tempo temido por eles, como quer ser temido.

Lentamente noitece.

LUIS- Bruno, para enxergar melhor os montes, é preciso descer

para a planície. Para enxergar melhor a planície é preciso subir o monte. Para entender o povo, é preciso ser rei. Para entender o rei, é preciso ser povo.

Eu nunca saí do castelo, Você viveu no meio da vida. Conhece os dois lados.

BRUNO- Nós podemos... governar juntos.

LUIS- Governar é sagrado.

Ter dois reis é como não ter nenhum. Quando muitos mandam, o poder fica anônimo e sem cara. Vai ter de ser um de nós dois.

Longo tempo.

BRUNO- Não quero lutar com você.

LUIS- Nosso dever não é mais um com o outro. É com a coroa.

BRUNO- Então... lutamos?

LUIS- Até a morte.

Amanhece.

Os dois pegam as facas e se enfrentam em guarda.

LUIS- Bruno.

BRUNO- Luís.

LUIS- A coroa... a pátria é a mãe que está sem homem.

Atacam-se. Estacam, olhos nos olhos.

LUIS- Uma mulher sem homem se volta para o seu corpo, se dissipa entre amantes que devoram seu corpo, que repartem a terra.

Atacam-se. Estacam, olhos nos olhos.

LUIS- Ou então se volta para sua alma e mortifica seu corpo em privações e a terra fica sêca e estéril.

Atacam-se repetidamente e estacam, imóveis e tensos.

Anoitece.

LUIS- A terra é a mãe que nos produz no seu seio, nos alimenta em seu dorso e de novo sempre nos acolhe.

A pátria é mãe, é mulher, que só com o amor do rei fica completa. Como uma aliança no dedo, a coroa é o sexo da pátria, penetrado pela cabeça do rei.

Só um de nós pode casar com ela.

Pátria, mãe, amante exigente...

Amanhece, enquanto os dois se olham.

Repentinamente, Luís se lança e abraça Bruno, penetrado por sua faca. Bruno urra, como se tivesse sido ele ferido. Arranca a faca ensanguentada e atira longe. Abraça amorosamente o irmão.

BRUNO- NÃO. NÃO.

LUIS- Lembre... não esqueça... a terra é... mãe.

BRUNO- A terra é mãe que nos produz em seu seio, nos alimenta em seu dorso e de novo sempre nos acolhe.

LUIS- A coroa...

Agonizante, deslizando para o chão, Luís aponta o céu. Bruno olha.

BRUNO- ... é uma aliança. O rei é da pátria marido, pai, Luís...

LUIS- Não... chore... lembre.

Tudo que é, nunca deixa de ser. Nada morre no mundo, mas as coisas passam e mudam.

Música.

Bruno chora e abraça o irmão morto. Olha para o alto, levanta a cobertura do chão e debaixo dela enterra Luís. Olha para o alto. Do céu, desce lentamente uma coroa real. Bruno agarra a terra como um manto, vai subindo, subindo, até sua cabeça penetrar a coroa. A música cresce.

Fim.